



PENSANDO ÁFRICAS
E SUAS DIÁSPORAS
NEABI – UFOP

Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2015

Anais do III Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas - parte 2

Ecossistemas mestiços: memória e identidade no romance *Terra sonâmbula* de Mia Couto.

Ângela Lacerda Santos*

Resumo: Este artigo trata-se de uma análise teórico-crítica sobre os elementos “memória” e “identidade” no *corpus* da obra *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, em consonância com os ecos mestiços presentes na referida obra, possibilitados pela escuta da leitura do diário encontrado pelo garoto Muidinga ao velho Tuahir a partir do ato de rememoração, com vistas aos elementos formadores da identidade local. Objetiva-se analisar a intenção do discurso narrativo oral (leitura) a partir de uma obra escrita (diário), no intuito de desvelar as simbologias, as representações das vivências de um povo, cuja memória culmina na aquisição da identidade da personagem. A memória do passado nessa narrativa conecta-se aos fatos históricos e às séries de acontecimentos, que se estruturam na relação temporal passado x presente x futuro, e na relação dos elementos história e discurso (TODOROV, 2006). No conjunto dessa memória coletiva mestiça, preserva-se a representação identitária, na qual se acomodam os traços originais locais que envolvem os elementos da cultura do povo, o meio em que vive, as práticas cotidianas, ressaltando os aspectos culturais e históricos dos seus ancestrais. Nesse sentido, o romance *Terra sonâmbula* concebe a memória em um projeto de evocação, numa terra devastada pela guerra em Moçambique, década de 1990. O ato de reconhecimento das identidades mestiças de um grupo social em seu ambiente de convivência tem relação com o desbravamento do universo das histórias contadas de geração em geração. Para a discussão dos conceitos teóricos, toma-se a ideia das questões da invenção do cotidiano e a oralidade (CERTEAU, 1996), observando-se as questões identitárias (HALL, 2009); a memória (LE GOFF, 1988; BOSI, 2003); e a memória como uma operação mestiça (LAPLANTINE & NOUSS, 2002). Com base nesses argumentos teóricos, este estudo colaborará para a valorização da narrativa a partir da descrição e discussão de dados da memória - individual e coletiva (HALBWACHS, 1990) - e da história.

Palavras-chave: Memória; Identidade; Mestiçagem; Leitura; Oralidade.

Abstract: This article deals with a theoretical-critical analysis of the elements "memory" and "identity" in the corpus of Mia Couto's work *Terra sonâmbula*, in consonance with the mestizo echoes present in this work, made possible by listening to the reading from the diary found by the boy Muidinga to the old Tuahir from the act of remembrance, with a view to the elements that form the local identity. The aim is to analyze the intention of the oral narrative discourse (reading) from a written work (diary), in order to unveil the symbologies, representations of the experiences of a people whose memory culminates in the acquisition of the identity of the character. The memory of the past in this narrative connects itself to historical facts and to the series of events, which are structured in the past-present-present-future-temporal relation, and in the relation of the elements of history and discourse (TODOROV, 2006). In the whole of this collective mestizo memory, the identity representation is preserved, in which the original local traits that encompass the elements of the culture of the people, the environment in which they live, the daily practices are highlighted, emphasizing the cultural and historical aspects of their ancestors. In this sense, the novel *Terra sonâmbula* conceives memory in an evocation project in a land devastated by the war in Mozambique in the 1990s. The act of recognizing the mestizo identities of a social group in its environment of coexistence is related to the unfolding of the universe of stories told from

[64/72]

*Ecossistemas mestiços: memória e identidade no romance
Terra sonâmbula de Mia Couto.* • SANTOS, Ângela Lacerda.

generation to generation. For the discussion of the theoretical concepts, one takes the idea of the questions of the invention of everyday life and orality (CERTEAU, 1996), observing the identity issues (HALL, 2009); the memory (LE GOFF, 1988; BOSI, 2003); and memory as a mongrel operation (LAPLANTINE & NOUSS, 2002). Based on these theoretical arguments, this study will contribute to the valorization of the narrative from the description and discussion of data from memory - individual and collective (HALBWACHS, 1990) - and from history.

Keywords: Memory; Identity; Mestiçagem; Reading; Orality.

Considerações Iniciais

Ao escrever a obra *Terra sonâmbula*, Mia Couto abre espaços para atuação de protagonistas fictícios no ambiente pós-guerra em Moçambique, com as suas aspirações, temores, culturas e simbologias. O romance constitui-se como peça importante para a discussão sobre o imaginário urbano, nesse caso o espaço de Moçambique. A obra *Terra sonâmbula* relata as esperanças de um garoto, a ausência provisória de memórias pessoais, os rituais, as angústias de uma gente que vivenciou um quadro de guerras ao longo da história. O gênero romance tem uma estreita relação com a realidade referencial e possibilita-nos conceber as obras literárias como uma espécie de testemunho dos discursos silenciados de um grupo minoritário na construção discursiva da História oficial.

Por ser esse gênero um espaço de representação simbólica de uma comunidade no qual se inserem vários discursos, este texto discute, endossado pelo romance *Terra sonâmbula*, os fatos que a História oficial não dá conta: as lembranças pessoais de uma história passada que reafirmam as identidades de uma comunidade.

Identidade cultural na literatura pós-colonial

Percebe-se, no contexto da produção dos escritores africanos da literatura pós-colonial, uma edificação de uma literatura nacional capaz de retratar alguns focos de discussão importantes. Um deles é a relação das identidades mestiças de um grupo social em seu ambiente de convivência e o desbravamento do universo das histórias contadas de geração em geração. Junto a essa discussão está a figura do escritor da literatura pós-colonial que deve assumir “a sagaz coragem para conciliar o postulado ético da crítica com a conveniência das imposições teóricas e não descurem as exigências que, ontem como hoje, ainda se impõem, e não apenas ao escritor” (Inocência Mata, 2007, p.45). Essas imposições a que se refere Inocência Mata estão interligadas ao veio ético, necessário em todo contexto de análise da obra literária.

O propósito deste artigo é discutir sobre a identidade e a memória na obra *Terra sonâmbula* em um projeto de edificação da identidade nacional do povo moçambicano. Trata-se da análise dos ecos mestiços presentes nessa obra da literatura pós-colonial, possibilitados pela escuta da leitura de um diário encontrado pelo garoto Muidinga a partir do ato de rememoração, com vistas aos elementos formadores da identidade local. Objetiva-se analisar a intenção do discurso narrativo oral (leitura) a partir de uma obra escrita (diário), no intuito de desvelar as simbologias e as representações das vivências de um povo, cuja memória culmina na aquisição da identidade da personagem.

A discussão sobre a identidade cultural nos países colonizados deve ser pautada, sobretudo, com propostas mais contemporâneas dos Estudos Culturais. Tais discussões provocam debates acerca das controvérsias suscitadas pela pluralidade de discursos, tendo como foco o conceito de nação e sujeito. Para Hall (2009), o termo “pós-colonial” pode ser entendido como um “culturalismo”. O que ele pretende com essa afirmação é deixar claro que a preocupação da literatura pós-colonial tem relação com os temas identidade e sujeito, ou seja, as explicações do mundo só podem ser feitas atreladas ao sujeito. Ao discutirmos sobre os sujeitos e a identidade cultural, devemos levar em conta algumas considerações, ou melhor, permitir que esta seja vista como um organismo discursivo no qual os sujeitos se encontram individual ou socialmente.

Sabe-se que ao discutir sobre identidade é possível encontrar inquições do tipo “será eu pertencço ou não a esse grupo identitário?” Essas indagações geralmente ocorrem em grupos nos quais “existem fortes tentativas para se reconstruírem identidades purificadas, para se restaurar a coesão, o “fechamento” e a Tradição frente ao hibridismo e à diversidade” (HALL, 1995, p.92). Contudo, a contemplação de fixidez e imutabilidade a que Hall destaca nessa citação, não se adapta mais ao conceito pós-moderno de identidade.

O conceito de identidade pós-moderna, enquanto resultado das atribuições culturais, é contemplado pelos sujeitos não mais como elemento unificado. No entanto ainda “existem resistências a aceitar estas e outras formas de hibridização porque geram insegurança nas culturas e conspiram contra a autoestima etnocêntrica” (CANCLINI, 2003, XXXIII). A partir do que informa Canclini, percebe-se que, com a hibridização das culturas e a formação diversificada da identidade, necessita-se, pois, desenvolver projetos que admitam a construção de aspectos que agrupem as pessoas em hierarquias de acordo com elementos comuns ao

grupo. Com esse agrupamento por elementos comuns, a unicidade é traduzida abrindo espaços para a instauração da relação de pertença a uma cultura.

A literatura pós-colonial dos escritores africanos assume a condição de representação identitária numa abordagem carregada de significados em que se compõem as identidades e os elementos culturais. Pepetela, ao abordar o discurso da literatura, diz: “[...] eu penso que a nossa literatura precisa de ir à tradição – e eu, sempre que posso, tento ir, procurar raízes. [...] Há um caldear de culturas, aqui, e nós temos de ir procurando raízes daquilo que faz uma certa identidade. (1999, p. 35).

Nessa literatura pós-colonial, carregada de representações identitárias, os escritores assumem o papel de construtores de uma identidade própria entre um universo de “identidades múltiplas” (COUTO, 2011). Nessa perspectiva, fica claro que a nação dos sujeitos é feita de variadas outras nações. “Uma dessas nações vive submersa e secundarizada pelo universo da escrita. Essa nação oculta chama-se oralidade” (COUTO, 2011, p. 23). O que Mia Couto discute é que os escritores africanos convivem com o chamado “drama linguístico” e os enormes traumas de identidade e alienação ocasionados pela colonização. Um país colonizado de certa forma acolhe instituições sociais e costumes culturais impostos pelo país colonizador. Um desses acolhimentos é o idioma. Sobre a aquisição de uma língua do colonizador, Pepetela diz: “(...) creio que foi depois da independência que se sentiu uma grande explosão do português em Angola. Foi considerada a língua da unidade – no fundo a língua da nação – e decretada língua oficial” (2009, p.36).

Em se tratando de língua oficial, o escritor moçambicano Mia Couto afirma que as línguas são conhecidas como “poderosas agências de viagens, os mais antigos e eficazes veículos de trocas” (2011, p. 174). O romance pós-colonial narra, com a língua do colonizador (atrelado ao universo dos símbolos e das representações), os vestígios de um passado imaginado comum a todos e orientam as pessoas na história de formação de uma sociedade na qual se inserem os sentidos das identidades. Esses sentidos traduzem o conceito de *comunidades imaginadas*, ou seja, “é imaginada porque os membros até das menores nações nunca chegam a se conhecer mutuamente. [...] É imaginada como soberana porque o conceito nasceu numa era em que o Iluminismo e a Revolução destruíam a legitimidade do reino dinástico hierárquico, ordenado pelo poder divino” (ANDERSON, 2008, p.6-7).

Em relação às culturas nacionais no trabalho de produção de sentidos sobre a “nação”, Hall acrescenta que “esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são

[67/72]

construídas” (HALL, 1995, p.51). Essa citação reforça o que Benedict Anderson argumenta, ou seja, de que as identidades nacionais de fato são “comunidades imaginadas” e que o romance é um meio técnico de “re-presentar o tipo de comunidade imaginada correspondente à nação” (idem, 2008, p.55). Inocência Mata também discute sobre essas comunidades junto ao conceito de literatura:

A história das mentalidades se alimenta naturalmente dos documentos do imaginário. (...), o texto literário, como representação artística do imaginário cultural, é um desses documentos e, como tal, um objeto simbólico muito importante na construção da imagem da sociedade, sobretudo em espaços políticos emergentes, que vivem de forma por vezes ambígua e tensa a sua pós-colonialidade. O estudo desse objeto simbólico é também um dos veículos para que se chegue à História – como o são outras fontes menos convencionais do discurso da ciência histórica -, pois é grande a probabilidade de ele se construir pela incorporação das contingências da história e das informações do contexto espaço-temporal, que a análise textual não deverá ignorar. (2007, p. 29).

Ao discutir acerca da literatura nessa citação, Inocência Mata se refere à figura do leitor-crítico nesse universo de análise do imaginário cultural, ou seja, com a tarefa de “estudar os meandros da condição pós-colonial dessas literaturas” (idem, p.30). Essa introjeção da literatura no contexto histórico dos países africanos estabelece uma espécie de dialogicidade do imaginário ficcional com a História, de forma a concretizar via texto literário uma releitura dos fatos históricos.

A função das literaturas escritas no idioma oficial é traçar um projeto de construção das identidades nacionais africanas. Esse projeto de evocação das identidades africanas é contemplado no romance *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, ao re-mitificar, por meio de cenas surrealistas e situações fantasiosas, um episódio da recente história pós-colonial de Moçambique. Com essa literatura nacional, Mia Couto emprega aspectos capazes de atribuir ao universo literário um grau de especificidade, a fim de essa obra se tornar distinta de outros tipos de literatura.

As identidades moçambicanas em *Terra sonâmbula*

A obra *Terra sonâmbula* insere-se no ambiente pós-guerra anticolonial, em Moçambique, no qual imperavam disputas de duas frentes políticas: a FRELIMO¹ e a RENAMO², em oposição ao poder instituído. É um romance que além de retratar os horrores da guerra na mentalidade dos sujeitos, revela, através dos sonhos das personagens, a

¹ FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique.

² RENAMO – Resistência Nacional Moçambicana.

rememoração do passado como projeto de edificação de um futuro melhor, esperançoso e mais aprazível. As cenas apresentadas na obra revelam bem o quadro da guerra: “[...] De quando em enquanto se escutavam tiros, rajadas de metralhadora. Já nem nos alarmávamos. Lá fora havia o matraquear da morte, lamentos de vida que se apagavam. Para nós, porém, aquele ruído era já parte da paisagem”. (COUTO, p. 134).

Nesse ambiente de hostilidade estão inseridos personagens que sonham, nutridos pelo viés do passado (memória), acerca da riqueza cultural, da identidade, da aldeia, da família e da oralidade infatigável do veiculador de histórias (a leitura do caderno), reavivada pela cultura escrita (os cadernos de Kindzu). Para Zumthor, “conforme os lugares, as épocas, as pessoas implicadas, o texto depende às vezes de uma oralidade que funciona em zona de escritura, às vezes [...] de uma escritura que funciona em oralidade” (1993, p. 98). Em *Terra sonâmbula*, essa tradição memorial é “transmitida, enriquecida e encarnada pela voz” (ZUMTHOR, 1993, p. 143) de Muidinga, a ponto de a leitura dos cadernos de Kindzu conceber-se como um

intercâmbio ou comunicação social [...] correlação de gestos e de corpo, [...] toda uma hierarquia de informações complementares, necessárias para interpretar uma mensagem além do simples enunciado – rituais de mensagem e de saudação, registros de expressão escolhidos, nuances. É-lhe necessário aquele timbre da voz que identifica o locutor, e aquele tipo de laço visceral, fundador, entre o som, o sentido e o corpo. (CERTEAU, 1996, p.p. 336,337)

O “laço visceral” a que remete Certeau é perceptível em *Terra sonâmbula* no momento em que o menino Muidinga, após ser descoberto ainda sem vida e sem memória pelo velho Tuahir (agora a única família dele), se apropria da leitura dos cadernos para suprir a solidão “sem laço com vizinhas gentes” (COUTO, p. 32) e construir uma esperança revigorada no tempo futuro. A vida dele, a sua identidade, passa a ser determinada pela leitura dos cadernos. Para Bosi (1994, p.55), “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual”.

As forças de Muidinga são recuperadas na manifestação do passado, da tradição oral, dos mitos, da sabedoria tradicional, dos rituais e das cerimônias que os cadernos fazem resistir a ponto de o garoto não conviver unicamente com a guerra, mas também com eventos anteriores a ela, ao que Certeau (1996, p.207) chama de “habitats sucessivos [...] jamais desaparecem totalmente, nós os deixamos sem deixá-los, pois eles habitam, por sua vez, invisíveis e presentes, nas nossas memórias e nos nossos sonhos”.

A resistência de Muidinga é corporificada “pelos processos de memória” no qual os sujeitos intervêm “não só a ordenação de vestígios, mas também na releitura desses vestígios” (LE GOFF, 2003, p. 420). Os vestígios (memória) encontrados por Muidinga, um menino temporariamente sem passado, são recolhidos no momento em que ele lê os cadernos de Kindzu. Percebe-se, nas ações do menino que “um empenho [...] em dar um sentido à sua biografia penetra as lembranças com um ‘desejo de dar explicações’” (BOSI, 1994, p. 419) à situação de anonimato em que ele se encontrava. Recorrer à tradição era um meio de acesso à sua identidade e às suas referências enquanto sujeito, já que as “identidades são construções imaginadas e o seu acesso a elas reguladas pela tradição e pelo costume” (WAIMBERG, 2003, p. 66).

Nesse romance, há o diálogo de duas narrativas: um narrador em terceira pessoa que relata a história de Muidinga e Tuahir, e a presença do narrador personagem Kindzu na narração dos cadernos diário. O romance, nessa tarefa mestiça de “contar evoluções e transformações” (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p.84) pode também ensinar a sonhar. Os sonhos em *Terra sonâmbula* ganham forma ao passo que os cadernos de Kindzu são lidos por Muidinga fazendo a terra sonâmbula andar continuamente numa crescente função de entrelaçar-se aos sonhos das personagens. Para Muidinga a paisagem parece caminhar e se modificar e “outra certeza ele tem: nem sempre a estrada se movimenta. Apenas de cada vez que ele lê os cadernos de Kindzu” (COUTO, p.121). Esse assunto é colocado em evidência em um dos diálogos de Kindzu com o seu pai:

_ O que andas a fazer com um caderno, escreves o quê?/ _Nem sei, pai. Escrevo conforme vou sonhando. / _E alguém vai ler isso?/ _Talvez./ _É bom assim: ensinar alguém a sonhar./ _Mas pai, o que passa com esta nossa terra?/ _Você não sabe, filho. Mas enquanto os homens dormem, a terra anda procurar./ _A procurar o que, pai?/ _É que a vida não gosta sofrer. A terra anda a procurar dentro da cada pessoa, anda juntar os sonhos. Sim, faz conta ela é uma costureira dos sonho. (COUTO, 1995, p.219)

Essa terra que costura sonhos, segundo o pai de Kindzu, é o mesmo país descrito por Tuahir como “país que desfilava por aí, sonhambulante” (COUTO, p. 165). Esse país, essa nação devastada pela guerra, em *Terra sonâmbula*, permite situações em que os sujeitos sejam distanciados de seus pares. Sobre esse afastamento, o feiticeiro, no final do romance, argumenta: “e mesmo que os reencontreis eles não vos reconhecerão. Vós vos convertêsteis em bichos, sem família, sem nação. Porque esta guerra não foi feita para vos tirar do país mas para tirar o país de dentro de vós.”(COUTO, p.p. 241,242).

Com a guerra e as constantes diásporas, como os sujeitos imaginam a sua terra de origem e o seu grau de “pertencimento” a uma nação? Hall esclarece que na circunstância da

[70/72]

diáspora “as identidades se tornam múltiplas” (2009, p.26) a ponto de se estabelecer “a crise de identidade” (idem, 2009). Ler o texto de Mia Couto como elemento de representação cultural tem como propósito conjecturar sobre identidades numa relação estreita entre literatura e mundo. A identidade cultural é entendida neste trabalho como “o resultado de misturas e cruzamentos feitos de memórias [...]”. (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 77).

Para Le Goff, a memória é “um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (2003, p.469). A busca de Muidinga pela identidade tem relação estreita com o elemento memória. No momento em que ele diz: “Mas eu não sei lembrar nada do meu passado. Por que, tio?” (COUTO, p.152), o que se percebe nesta pergunta é um desejo angustiado por uma história, por um passado. Em que lugar ele encontrará a sua história? Evidentemente na leitura dos cadernos de Kindzu. “Tuahir havia entendido: os escritos de Kindzu traziam ao jovem uma memória emprestada sobre esses impossíveis dias” (COUTO, p.152). Bosi discute sobre o elemento memória esclarecendo que

entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos. (BOSI, 1994, p.90)

Considerações finais

À guisa de conclusão, percebe-se que a memória reavivada pela propagação oral das histórias do caderno de Kindzu a um ouvinte (velho Tuahir) permitiu que a narração feita por Muidinga fosse “necessária à manutenção do laço social, sustentando e nutrindo o imaginário, divulgando e confirmando os mitos, revestida nisso de uma autoridade particular, [...]” (ZUMTHOR, 1993, p.67). A voz de Muidinga é, “ao mesmo tempo, profecia e memória” (ZUMTHOR, 1993, p.139), em uma terra povoada de silêncios e inquirições no qual o indivíduo necessita fortemente de laços familiares acolhedores e receptivos. Esses laços de convivência são importantes na construção das identidades misturadas e cruzadas da era pós-moderna, pois “a mestiçagem, porém, implica uma memória ou, antes memórias” (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 115).

Na obra *Terra sonâmbula*, os ecos de uma memória são mestiços pelo fato de que Muidinga, através da leitura do diário, realiza a tarefa de contar evoluções e transformações,

[71/72]

necessária à manutenção do laço social. As vozes das personagens de Mia Couto simulam os discursos de resistência de uma gente que vive em uma terra povoada de silêncios e inquições no qual o indivíduo necessita fortemente de laços familiares acolhedores de convivência para que possam reconstruir as identidades misturadas e cruzadas em uma relação de pertença a uma cultura.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução Denise Bottman, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996

CHAVES, Rita. (Orgs.). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?: e outras intervenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Terra Sonâmbula*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LAPLANTINE, François. NOUSS, Alexis. *A mestiçagem*. Trad. Ana Cristina Leonardo. Lisboa: Piaget, 2002.

MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*. Luanda, São Paulo, Angola: Editorial Nzila. 2007.

WAIMBERG, Jacques A. *Turismo e comunicação: a indústria de diferença*. São Paulo: Contexto, 2003.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: A "literatura" medieval*. Tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.